

19 RECANTOS E OUTROS POEMAS (LUIZA NETO JORGE)

Leonardo Gandolfi

UFF

Resenha de JORGE, Luiza Neto. *19 recantos e outros poemas*. Org. Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos. 7Letras: Rio de Janeiro, 2008.

Por ocasião do lançamento do livro *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar*, António Lobo Antunes foi entrevistado pelo *Público*. A certa altura perguntam a ele sobre “mulheres poetas?” e ele responde sem delongas “Rosalía de Castro. Emily Brontë”. Não satisfeita, a jornalista continua: “Portuguesas?”. O autor de *Fado alexandrino* então finaliza o assunto: “Temos o António Nobre, apesar de tudo. O *Só* é um grande livro”. Chamar a isso de provocação é supervalorizar a afirmação, chamá-la de disparate, no entanto, é menosprezá-la. Ignoremos a possível feminilidade e tudo o que isso representa e não representa na lírica de António Nobre e restará a impressão, para Lobo Antunes, de que na literatura portuguesa não houve “mulheres poetas”, como diz a jornalista, ou poetisas, como poderíamos acrescentar. Ignoremos também as supostas diferenças entre uma coisa, “mulheres poetas”, e outra, “poetisas”. Não se trata disso, mas sim de que, no gosto de Lobo Antunes, não há poemas suficientemente bons assinados por mulheres na literatura portuguesa. Ignoremos agora todos os séculos e parariamos no século XX, pois nesse seria especialmente difícil saltarmos sem erros graves.

Sophia de Mello Breyner Andresen, Luiza Neto Jorge, Fiama Hasse Pais Brandão. A pequena lista não é aleatória, mas é extremamente incompleta. *19 recantos e outros poemas* é a antologia publicada pela 7Letras que Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos organizaram a partir dos poemas completos de Luiza Neto Jorge. Quanto ao fato de António Lobo Antunes ignorar a poesia de Luiza, não há grandes problemas. Problema real era no Brasil não haver uma edição da autora de textos já clássicos como “A magnólia”, “O poema ensina a cair” e outros. E o melhor é essa edição chegar-nos através das mãos do professor Jorge Fernandes, precursor nos estudos da *Poesia 61* – publicação da qual Luiza fez parte – e leitor especial da poesia portuguesa moderna e contemporânea.

E se a poesia de Luiza Neto Jorge costuma ser lida sob uma ótica surrealizante e/ou a partir de questões estritas ao corpo feminino ou ao antifeminino, Jorge Fernandes no ensaio introdutório da antologia transforma essas perspectivas em perspectivas que fazem a obra de Luiza dialogar expansivamente com a cultura portuguesa em seus tópicos mais

problemáticos, tocando em seu texto-matriz, ou seja, de Luiza a Luís e a *Os Lusíadas*. Os dez cantos épicos são suplementados e se tornam 19 recantos, como diz o título daquele que talvez seja o poema de Luiza que mais toca em determinadas feridas. Um exemplo rápido disso – e é Jorge Fernandes que vê – está na metamorfose, não só onomástica, que vai de “Dinamene” até “dinamite”. A amante oriental de Camões, sacrificada pelo poeta e pelo mar em nome do livro¹, nos *Recantos* de Luiza ganha forma, voz e força (“vosso contorno vence/ o meu poder.// Poder que vos desfoca, dinamite”. (JORGE, 2008, p. 87). Porque, se o interlocutor for Camões (ele fere e também é ferido), o resultado é um tipo de retrato desfocado, transfigurado, ou melhor, explosivo que leituras e releituras fatalmente produzirão.

Outro poema que vem com a mesma tônica é “Exame”, texto em que o interlocutor masculino assume alguns retratos, entre eles, o do professor autoritário que se dirige a aluna ou o do país ditatorial que não está acostumado a ouvir determinadas vozes. O poema termina com esses ouvidos masculinos ouvindo da aluna inquirida o seguinte verso pós-pessoano: “Já passa da hora”. (JORGE, 2008, p. 31). E o que dizer do já referido “A magnólia”? Um bom exemplo do que foi a perspectiva textualista *sin perder la ternura* de todo uma geração: “o som que se desenvolve nela/ quando pronunciada,/ é um exaltado aroma/ perdido na tempestade”. (JORGE, 2008, p. 62). Por falar em *Poesia 61*, está presente nesta antologia o poema de Luiza que literalmente é uma das portas de entrada para esta publicação coletiva da qual também fizeram parte Gastão Cruz, Fiamma, Maria Tereza Horta e Casimiro de Brito: “A porta aperta”: “a porta maré que vem e que vai que bate e que fecha/ a porta com máscara de morte/ a porta sem sorte”. (JORGE, 2008, p. 25). Tal estado de passagem entre a fixação (da palavra “porta” repetida) e o movimento (os vários sintagmas que acompanham a mesma palavra) representa bem os dilemas, impasses e acertos da poesia portuguesa durante a década de 1960, após neorrealismos, surrealismos e em meio à guerra colonial: “a porta geme/ a porta facho/ a porta leme”. (JORGE, 2008, p. 25).

Também é bom que se diga que a publicação da antologia de Luiza vem colaborar para a ampliação do diálogo entre a poesia que se faz em Portugal e a poesia que se faz no Brasil. Se na década de 1990 era difícil encontrar livros de poetas portugueses editados por aqui, já não se pode dizer o mesmo em relação aos últimos anos. É verdade que o número é pequeno – e costuma ser mesmo pequeno o número que envolve poesia –, mas já encontramos nomes como os de Sophia, Adília Lopes, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Fiamma, Gastão, esses dois últimos, aliás, pelas mãos do mesmo Jorge Fernandes. E que venha mais.

¹ “Torna a fugir-me: e eu gritando: *Dina...*/ Antes que diga: *mene*, acordo, e vejo/ Que nem um breve engano posso ter”. (CAMÕES, 1980, p. 305).

Em termos de recepção, sabemos, a herança do surrealismo no Brasil não chega nem perto do que significou a herança do surrealismo em Portugal. Não no que diz respeito ao movimento, à escola, que tanto lá como aqui não vingou. Mas sim em relação ao chamado *modus operandi* da linguagem surrealista, que tem a ver com certa liberdade imagética e algum transbordamento. Se no Brasil o surrealismo ou uma linguagem surrealizante tocou as obras de um Murilo Mendes, de um Jorge de Lima e, sobretudo, de um Roberto Piva, em Portugal os frutos do surrealismo tiveram mais impacto. Além de Luiza, há pelo menos outros três nomes que deram direções diversas a empresa de Breton, transformando-a em algo novo: Mario Cesariny, Alexandre O’Neil, Herberto Helder, sem contar a grande quantidade de outros poetas que eles influenciaram.

Cruzar tradições e modos de estar na linguagem, contaminar e deixar ser contaminado. Expor o “corpo insurrecto” (JORGE, 2008, p. 43), para usar uma imagem da poeta, desde sua deriva ardente e sintática até aquela forma espessa e histórica que ele necessariamente assume. No início do texto, a jornalista pergunta a Lobo Antunes por “mulheres poetas” e o autor responde “António Nobre”. Ele – que como Luiza não conhece os limites dos gêneros textuais – talvez estivesse reavaliando também o gênero, não o *genre* mas o *gender*, “zonas aquáticas/ onde os órgãos boiam”. (JORGE, 2008, p. 43). Se for realmente isso, será a própria Luiza Neto Jorge quem responderá: “Um poema deixo, ao retardador:/ meia palavra a bom entendedor.” (JORGE, 2008, p. 83).

REFERÊNCIAS:

COELHO, Alexandra Lucas. Uma volta pela cabeça de António Lobo Antunes. *Público*. Disponível em: <http://ipsilon.publico.pt/livros/texto.aspx?id=243439>. Acesso em: 21/10/2009.

CAMÕES, Luís de. *Redondilhas, sonetos, canções*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português do Rio de Janeiro, 1980.

MINICURRÍCULO:

Doutor em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com tese a partir de João Cabral de Melo Neto e Carlos de Oliveira, e autor dos livros de poemas *No entanto d’água* (2006) e *A morte de Tony Bennett* (2010).